

REPÓRTERES DA FLORESTA: COMUNICAÇÃO COMO FERRAMENTA DE EMPODERAMENTO E EDUCAÇÃO PARA OS POVOS DA AMAZÔNIA

Rafael Sales de Almeida¹
Fabiana Calacina da Cunha²
Iarima Naama Ferreira Lopes³

INTRODUÇÃO

As comunidades tradicionais amazônicas enfrentam desafios significativos em sua busca de uma educação qualitativa e equitativa, principalmente devido ao isolamento geográfico e à escassez de políticas públicas inclusivas. Para jovens dessas populações, a falta de recursos e o difícil acesso a tecnologias essenciais representam obstáculos que vão além da sala de aula, limitam as oportunidades de expressão, protagonismo social e qualificação profissional, prejudicando o desenvolvimento pessoal e coletivo. Esse cenário perpetua o ciclo vulnerabilidade e pobreza, onde o acesso limitado à educação e à comunicação insuficiente impedem que os jovens desenvolvam plenamente suas competências, perspectivas e habilidades de liderança.

Nesse contexto, iniciativas que promovem a comunicação e o protagonismo social emergem como ferramentas essenciais para romper as barreiras que isolam essas comunidades. Projetos como Repórteres da Floresta capacitam jovens para contar suas próprias histórias por meio da Educomunicação, fortalecendo a identidade cultural e estimulando a conscientização política e social tanto dentro quanto fora das comunidades amazônicas. Conforme apontado por Soares, Viana e Xavier (2017, p. 149), a educomunicação é essencial para tratar temas transversais, integrando e valorizando o conhecimento de maneira holística e promovendo o empoderamento dos indivíduos. Nesse cenário, as tecnologias desempenham um papel crucial ao aprimorar o processo de aprendizagem entre professores, alunos e a comunidade.

Este estudo explora como o Projeto Repórteres da Floresta, promovido pela Fundação Amazônia Sustentável, apoia a educação complementar ao capacitar jovens de comunidades tradicionais a se tornarem protagonistas de suas histórias. O projeto desenvolve suas habilidades de comunicação, incentiva o ativismo social e aumenta a conscientização política, fomentando o empoderamento e o engajamento. Isso desafia o paradigma da vulnerabilidade das comunidades da floresta e revela diversos cenários

sociais. Autores como Friedmann (1996, p. 35) e Herriger (2006, p. 35) enfatizam que o empoderamento não é algo imposto por agentes externos; ele se concretiza quando os indivíduos empoderam a si mesmos.

O diferencial do projeto é ser realizado em Unidades de Conservação, em comunidades ribeirinhas localizadas em sete municípios do Amazonas. O projeto oferece educação complementar, dentro das escolas inseridas nos Núcleos de Inovação e Educação para o Desenvolvimento Sustentável (NIEDS), utilizando a educomunicação como ferramenta de empoderamento. Além disso, gera impactos sociais duradouros, incentivando a participação cívica e o fortalecimento de redes e lideranças comunitárias. Ao dar voz aos jovens, o Repórteres da Floresta transforma a percepção externa sobre suas realidades, ressaltando a riqueza cultural e o potencial das comunidades amazônicas.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

O Projeto Repórteres da Floresta adota metodologias ativas que combinam aspectos teórico-práticos e socioparticipativos, estruturadas em dois eixos de atuação. O primeiro eixo, capacitar jovens em comunicação comunitária, com foco em fotografia, jornais, entrevistas, edição de vídeo, áudio e mídias sociais. Na etapa teórica, os participantes são treinados para operar equipamentos, criar pautas jornalísticas e utilizar plataformas digitais. Durante a prática, os jovens exploram temas locais como empreendedorismo comunitário, artesanato e as vulnerabilidades decorrentes da ausência de políticas públicas. Orientados por consultores especializados que visitam regularmente as comunidades, os participantes produzem materiais diversos, como podcasts, exposições de fotos, jornais e perfis em redes sociais que retratam vivências locais.

O segundo eixo, socioparticipativo, incentiva os alunos a expressarem suas preferências sobre os temas que desejam abordar, permitindo que o conteúdo produzido reflita diretamente suas vivências e interesses comunitários. Esses métodos fortalecem habilidades de comunicação e expressão, além de enriquecer as atividades de ensino-aprendizado desenvolvidos pela capacitação.

Mota e Rosa (2018, p. 261-276) explicam que a metodologia ativa promove um ambiente de aprendizagem em que o aluno adota uma postura responsável e autônoma, incentivando a interação entre alunos, professores e materiais didáticos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Machado e Castro (2016) explica que a educação dos povos da floresta historicamente é moldada por processos de lutas e resistência, relacionadas a defesa de seus territórios e modos de vida. É difícil escutarmos de uma comunidade na Amazônia, que há escola e escola de qualidade, que há saúde e saúde de qualidade. Este povo, além de lutar por todas as questões, faz parte de um estado democrático de direito que luta pela preservação e conservação da floresta porque entende que a floresta é o lugar de produção econômica e moradia das populações tradicionais.

Neste contexto adverso, a educação se torna um bem social desejado pelos povos da floresta (Ferreira, 2010, p. 423, grifo nosso). O compromisso com uma educação universal deve incluir a diversidade, evitando modelos padronizados que não respeitam as realidades dos estudantes e de suas famílias, promovendo cenários de inclusão (Mendes, [s.d.]). Além disso, a escola atual, segundo Pires e Borges (2017, p. 160), é impactada pelas tecnologias da informação, o que reflete na diversidade do processo de ensino-aprendizagem. Destarte, a educomunicação, que integra práticas educativas ao estudo sistemático dos sistemas de comunicação, é fundamental para garantir a autonomia dos alunos, contribuindo para a criação de um ambiente escolar democrático.

Brianezi e Gattás (2022, p. 35), afirmam que a educomunicação fornece suporte para que os educadores trabalhem os conteúdos obrigatórios de forma articulada com algo significativo para os alunos, formando cidadãos críticos e atuantes. Esse processo transforma os indivíduos de dependentes em sujeitos ativos, que lutam por mais autonomia e autodeterminação (Herriger, 2006, p. 16). Os processos educacionais promovem diálogos horizontais, desconstruindo relações de poder e garantindo acesso a uma comunicação autêntica (Soares, 2011, p. 38).

Hardagh, Fofonca e Camas (2020, p. 1011) afirmam que, ao empregar a comunicação como uma ferramenta educacional, surgem ecossistemas que garantem um fluxo livre de informações, relações equilibradas, interações colaborativas e o uso democrático das mídias de ensino, promovendo assim uma educação mais inclusiva e participativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Projeto Repórteres da Floresta foi criado pela Fundação Amazônia Sustentável, para promover o protagonismo social, econômico e ambiental na Amazônia, utilizando a comunicação e a educação como ferramentas transformadoras. A iniciativa busca oferecer uma educação contextualizada e inovadora, adaptada às realidades locais. Para atender ao público-alvo, o projeto utilizou princípios da metodologia socioparticipativa, complementados por oficinas teórico-práticas focadas em diversas formas de comunicação, como a escrita, oralidade e a mídia digital. Esse modelo tem se mostrado eficiente para promover o engajamento e o empoderamento juvenil, permitindo aos participantes se envolverem nas decisões e implementarem ações que promovam a transformação social em suas comunidades.

O projeto de educomunicação foi implantado nas escolas das redes municipais e estaduais, localizadas dentro dos NIEDS, que atuam como espaços para a implementação de políticas públicas em Unidades de Conservação. No início das atividades, constatou-se que a maioria dos alunos tinha pouca ou nenhuma familiaridade com ferramentas de comunicação, como câmeras, microfones, aplicativos e redes sociais. Diante disso, o primeiro passo foi apresentar o projeto e as metodologias, sob a mediação de um consultor especializado, que explicou que as oficinas teriam uma carga horária de 4 horas diárias durante 7 dias, seguidas de tutoria a distância.

Essas oficinas foram projetadas para serem inclusivas, permitindo a participação de pessoas de diferentes faixas etárias, favorecendo a troca de saberes entre gerações. Após debates com os participantes, adotou-se o formato de entrevistas, proporcionando aos alunos a oportunidade de registrar as histórias de seus pais, avós e outras figuras relevantes de suas comunidades. Antes de realizarem as entrevistas, os estudantes conduziram uma pesquisa sobre a história local, integrando esses conhecimentos ao conteúdo escolar.

Nas fases seguintes, os alunos se concentraram na produção escrita para melhorar suas habilidades de leitura e redação, utilizando o formato de jornal impresso para narrar lendas e histórias das comunidades. Essa abordagem integrou disciplinas como português e artes, ampliando as possibilidades pedagógicas. Os textos foram ajustados para dialogar com os moradores, garantindo uma comunicação efetiva. Após a produção dos jornais, o projeto introduziu tecnologias digitais, onde os alunos aprenderam a usar dispositivos

móveis e redes sociais. As atividades destacaram o potencial das mídias digitais para promover os direitos da juventude e explorar oportunidades socioeconômicas.

O projeto, entre os anos de 2023 e 2024, impactou diretamente 183 alunos da rede pública municipal e estadual, envolvendo 29 comunidades, 09 escolas públicas em 07 municípios do estado do Amazonas. Foram realizadas oficinas de produção de vídeos, reportagens, podcast, edição, fotografia, gerenciamento de mídias sociais e criação de jornais impressos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que a comunicação, seja na educação formal, não formal ou complementar, é uma ferramenta essencial para superar o isolamento social, especialmente entre populações distantes e vulneráveis. Ao aproximar essas comunidades, a comunicação as empodera, engaja e corrige informações incoerentes, promovendo o acesso ao conhecimento e a participação ativa. Com base nos princípios da educomunicação, torna-se possível repensar o ambiente escolar, transformando-o em um espaço mais aberto, flexível e colaborativo, onde a gestão participativa e o intercâmbio de saberes entre professores, alunos e outros agentes são promovidos. Assim, a escola/comunidade se torna uma arena de trocas entre atores internos e externos, reforçando a conexão entre educação e os desafios contemporâneos, especialmente no uso de tecnologias.

O projeto Repórteres da Floresta exemplifica uma iniciativa que gera impactos sociais duradouros, como o fortalecimento das redes comunitárias, o aumento da participação cívica e o desenvolvimento de lideranças locais. Ao integrar práticas escolares com a educomunicação, o projeto estimula os alunos a desenvolver habilidades de forma autônoma, preparando-os para atuar como agentes de mudança em suas comunidades. Trata-se de uma iniciativa simples, mas com grande potencial transformador, tanto para a geração atual quanto para as futuras. Concluímos, portanto, que o diálogo entre educação, comunicação e participação social é imprescindível para enfrentar os desafios atuais, sendo necessário fomentar novas práticas que fortaleçam essas conexões e ampliem os horizontes da educação em um mundo em constante transformação.

Palavras-chave: Educomunicação, Povos da Floresta, Amazônia, Empoderamento.

REFERÊNCIAS

BRIANEZI, Thaís; GATTÁS, Carmen Lúcia Melges Elias. *A educomunicação como comunicação para o desenvolvimento sustentável*. Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación, v. 21, n. 41, p. 33-43, 2022. Tradução. Disponível em: <https://www.eca.usp.br/acervo/producao-academica/003117174.pdf>. Acesso em: 23 out. 2024.

FERREIRA, L. *Chico Mendes e os povos da floresta: uma pedagogia em construção*. In: STRECK, D. (org.). *Fontes da pedagogia latino-americana: uma ontologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 421-438.

FRIEDMANN, J. *Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo*. Oeiras: Celta, 1996. 197 p.

HARDAGH, C. C.; FOFONCA, E.; CAMAS, N. P. V. (Orgs). *Processos formativos, tecnologias imersivas e novos letramentos – convergências e descobrimentos*. 1. ed. Curitiba, PR: Editora Collaborativa, 2020.

HERRIGER, N. *Empowerment in der sozialen Arbeit: eine Einführung*. 3. ed. Stuttgart: Kohlhammer, 2006. 255 p.

MACHADO, Rita de Cássia Fraga; CASTRO, Amanda Motta. *Povos da floresta! Trabalho e educação enquanto espaços democráticos*. Gavagai, Erechim, v. 3, n. 1, p. 61-79, jan./jun. 2016.

MENDES, Rodrigo. *Educação inclusiva: um direito inegociável*. Instituto Unibanco, [s.d.]. Disponível em: <https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/em-debate/conteudo-multimedia/detalhe/educacao-inclusiva-um-direito-inegociavel>. Acesso em: 15 out. 2024.

MOTA, A.; WERNER DA ROSA, C. *Ensaio sobre metodologias ativas: reflexões e propostas*. Revista Espaço Pedagógico, v. 25, n. 2, p. 261-276, 28 maio 2018.

PIRES, Marlon Alef dos Reis; BORGES, Bento Souza. *Educomunicação: práticas e perspectivas – uma análise das atividades desenvolvidas no Programa de Iniciação à Docência (PIBID)*. Getec, v. 6, n. 14, p. 159-170, 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do ensino médio*. São Paulo: Paulinas, 2011. Acesso em: 26 out. 2024.

SOARES, Ismar de Oliveira; VIANA, Claudemir Edson; XAVIER, Jurema Brasil (orgs.). *Educomunicação e suas áreas de intervenção: novos paradigmas para o diálogo intercultural*. São Paulo: ABPEducom, 2017. 328 p.